

APRESENTAÇÃO

Helena Degreas¹
hdegreas@gmail.com

Visito o vilarejo onde nasceram meus antepassados. Casas milenares construídas em pedra, cuidadosamente caiadas, explodem com o brilho do branco que, misturando-se ao azul infinito do céu mediterrâneo, ainda hoje tira meu fôlego. Cenários deslumbrantes.

Ruas estreitas e labirínticas levam inevitavelmente à ágora, o centro das atividades de comércio local e ponto de encontro das gentes. Próxima dali, como não poderia ser diferente, encontra-se a igrejinha onde milhares de casamentos foram realizados, velórios celebrados e crianças, apesar da sensibilidade exagerada de alguns num contexto em que o politicamente correto prevalece, ainda mantêm, do ritual eclesíástico, a imersão abrupta do pequeno por três vezes nas águas da pia batismal. Com pulmões que, apesar da tenra idade, são dignos de um Hércules, o bebê anuncia ao mundo que foi integrado à comunidade pela fé. Mantendo-se a tradição, pais e padrinhos simbolicamente cospem nele (os mais entusiasmados nem tão simbolicamente), garantindo a segurança do bebê contra influências malignas. Bem-vindo ao nosso mundo.

Invariavelmente, a despeito do recato exigido pelas cerimônias, compaixão, amor ao próximo e respeito dão lugar à fofoca e maledicências dignas de um mercado em plena atividade, onde cada palavra, cada gesto e cada olhar carregam a promessa de histórias ainda mais picantes. Mexericos e boatos circulam livremente. Mantém-se o hábito no mesmo lugar. Átrio, espaço público para a socialização. Certamente, a quase centena de moradores idosos, incluindo as mulas que ainda respondem pela moagem artesanal dos frutos das oliveiras, seriam banidos do convívio social. O passado visto pelas lentes de um presente cada vez mais distante da história não tem vez. Num mundo onde o que importa é o instante ditado pelos

¹ Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USCS - Universidade Municipal de São Caetano do Sul (desde 2019). Colunista sobre cidades e ambiente para o jornal Jovem Pan News.

algoritmos das redes sociais, todos seriam cancelados, como na crônica "Bueiros", um dos textos da revista.

Fragmentos de lembranças, os relatos são extensões de memórias individuais que, pela narrativa pessoal, constituem parte do que sou hoje, dimensão de um testemunho, confesso, nem sempre fiável. Registram-se nestas páginas, pelo conto de quem aqui se expõe, subjetividades e imprecisões que podem enriquecer uma pesquisa histórica, exigindo análise crítica e metodológica dos pesquisadores que a leem, buscando o necessário confronto entre diferentes vozes narrativas.

Da trama intrincada que tece distintos aspectos da história que se materializa no que hoje somos e vivenciamos, buscamos, como a deusa Ariadne, o fio que nos guia pelo labirinto em busca de nossa identidade, entrelaçando experiências passadas com o presente.

E é com satisfação que apresento a edição especial da Revista Projectare voltada ao Patrimônio Cultural. Dos artigos à crônica, suas páginas fornecem conhecimentos preciosos para o entendimento de nossa identidade social, dos artefatos que, impregnados de dimensões simbólicas construídas ao longo do tempo, apontam alternativas para um futuro possível. Sem memória, perderíamos nossa identidade e a capacidade de crescer e evoluir como indivíduos e como sociedade.

Durante a leitura, encontraremos narrativas contadas por meio de imagens de cinema, em que as lentes capturam detalhes da arquitetura, paisagens urbanas e costumes de épocas passadas, proporcionando uma visão imersiva do passado da cidade de Pelotas nos primórdios do século XX. Ao registrar mudanças e intervenções ocorridas ao longo do tempo, ampliam a compreensão sobre a história e a cultura de um lugar, permitindo que as futuras gerações conheçam, por meio de obras de ficção, aspectos relacionados ao passado. Set de filmagem, provavelmente composto por equipes enxutas em que diretor, roteirista, produtor, cinegrafistas e atores improvisavam múltiplos papéis, suas falas e cenários expressam a cidade a partir de uma dimensão social, criação humana que reflete a complexidade da cultura e do imaginário coletivo.

Noutro ponto, é descrita a devastação da cidade de São Luiz do Paraitinga em 2010 por uma inundação, que serviu como um catalisador para a mobilização da comunidade em torno da reconstrução da cidade, indo além da mera recuperação física e abrangendo a restauração da identidade cultural local. A experiência relatada no artigo demonstrou que a verdadeira

revitalização de um lugar vai além das ações assistencialistas. Ela exige um compromisso profundo com o resgate do sentido de lugar, como o lócus cuja reconstrução impacta nossos pensamentos, emoções e respostas físicas, manifestando-se através das memórias, tradições e do senso de pertencimento da comunidade. A união entre a sociedade civil, órgãos públicos e instituições de ensino possibilitou a criação de projetos inovadores, como o Museu de História e Arte Regional e o uso de QR codes para contar a história da cidade, integrando o trauma da enchente à narrativa histórica e fortalecendo os laços entre os moradores e seu patrimônio cultural. Resgatada pela organização da sociedade civil e pelo seu engajamento, a "alma da cidade" renasceu, mostrando que a preservação do patrimônio cultural é um ato de resiliência e envolvimento afetivo pelo lugar onde se vive, capaz de transformar a adversidade em um rico legado para o futuro.

Mais adiante, uma provocação: desafiando a visão tradicionalmente masculina na construção e planejamento urbano, o artigo destaca a dimensão simbólica e mítica dos arquétipos femininos na fundação e organização das cidades. Ao trazer à tona a influência feminina, o documento nos convida a repensar a forma como interagimos com o espaço urbano e a reconhecer a importância do patrimônio cultural imaterial na construção da identidade e da memória coletiva. Atena, com sua sabedoria, inspira o planejamento racional, enquanto Ártemis, a deusa da natureza, sussurra entre as árvores dos parques urbanos. Já Deméter, ligada à terra, abençoa os mercados com abundância e Afrodite, com seu encanto, colore praças e festas. Essas figuras mitológicas moldam a organização do patrimônio cultural, preservando tradições que tecem a identidade urbana. As práticas culturais e mitológicas não apenas estruturam fisicamente as cidades, mas também alimentam a alma coletiva, garantindo que a memória e o pertencimento se realizem em cada rua e praça. Essa perspectiva enriquece nossa compreensão das cidades, revelando a importância das práticas culturais e mitológicas na sua estruturação e funcionamento, destacando a necessidade de reconhecer e valorizar aspectos culturais que muitas vezes são ignorados em favor de uma visão predominantemente funcional e materialista do espaço urbano ou “politicamente incorreta”.

Pelos passeios do calçadão de Viçosa, pessoas conectam atividades do passado ao presente. O burburinho dos ambulantes e os cheiros das comidas se misturam, reforçando o papel do espaço público agora habitado por um novo público no mesmo espaço. Esse

movimento constante reforça o senso de pertencimento e comunidade, consolidando a identidade cultural e histórica da cidade.

Por fim, a Carta de Veneza, documento-base indispensável para a preservação do patrimônio cultural, fornece uma base sólida para enfrentar os desafios contemporâneos e garantir a transmissão dos bens culturais para as gerações futuras, assegurando a preservação eficaz e respeitosa do patrimônio cultural. Os desafios para a implementação de seus princípios são muitos e complexos. Em especial, num contexto em que o presente imediato dita as regras dos programas, políticas e ações públicas unilateralmente, falhando ao excluir atores sociais e comunidades locais do processo decisório, resultando em intervenções que podem alienar a população e inviabilizar sua fruição. Em paralelo, a ênfase na exacerbação de elementos arquitetônicos e urbanos “instagramáveis” voltados à experiência do cliente, do consumidor e do turista esporádico pode levar à "disneyficação" de espaços históricos, comprometendo sua integridade cultural. A discussão é significativa e nos leva à reflexão sobre a necessidade do diálogo contínuo entre historiadores, urbanistas, comunidade local e demais profissionais voltados às ciências urbanas, garantindo que as adaptações respeitem e valorizem não apenas o patrimônio existente, mas também o público envolvido nas discussões.

Ao dedicar sua edição especial à preservação do patrimônio cultural, a revista Projectare se posiciona como um fórum para a troca de conhecimentos e melhores práticas entre pesquisadores, historiadores e conservadores. Compartilhando informações sobre técnicas inovadoras de preservação, documentando casos de sucesso e eventuais falhas, a revista oferece valiosos insights para o aprimoramento de políticas eficazes. Além disso, amplia a conscientização pública sobre a importância do patrimônio cultural, promovendo o engajamento da comunidade na proteção e valorização de sua história e identidade.